



Paris. 1975. Um grupo de jovens portugueses, emigrantes, animado pelo espírito do 25 de abril queixa-se de querer saber mais, de querer aprender mas não ter acesso a quem lhes possa facultar orientação para estas aprendizagens.

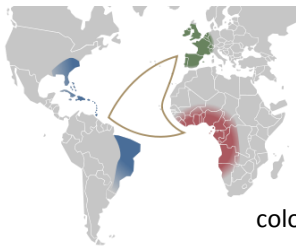
“A culpa é nossa” – diz José Mariano Gago (JMG) – “não fazemos nada!”.

Com alguns amigos interessados – entre eles o Mário Moutinho, atual Reitor da U. Lusófona, a Helena Gelpi que esteve no Chapatô, o Manuel Campos Pinto, já falecido e a sua ex-mulher Mado, professora em França – e um grupo de uns vinte que, à partida, chamaríamos de parti-

cipantes, criamos o que JMG chamava um coletivo que reunia na Casa de Portugal, Residência André de Gouveia na Cidade Universitária, em Paris.

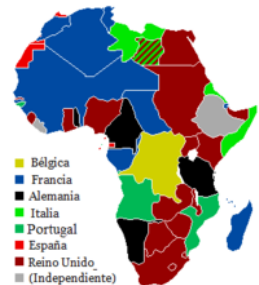
Começámos por pegar nos programas do 9º ano de Portugal, mas todo o Ensino estava em reforma e ainda não havia nada de novo. Optámos por seguir os objetivos expressos, nos antigos, cruzando disciplinas.

JMG, em contato com Ettore Gelpi da UNESCO, falou no método dos complexos que estudou com Makarenco e, fomos avançando. Começámos por África, estudámos a Geografia e a História, escrevemos, lemos em Português, em Francês e em Inglês mas com uma forte consci-



ência, digamos que, sociopolítica. Olhámos para o mapa e, para além da geografia física e humana tentamos perceber a Conferência de Berlim de 1885 feita a régua e esquadro pelas potências coloniais. E o que havia antes? Estudámos as civilizações pré-coloniais: a civilização das clareiras... Depois estudámos o triângulo da rota dos escravos entre Angola (África), Brasil e Portugal (a Europa). Todos tivemos de estudar muito porque não havia

professores especializados em programas que íamos criando de acordo com as perguntas.

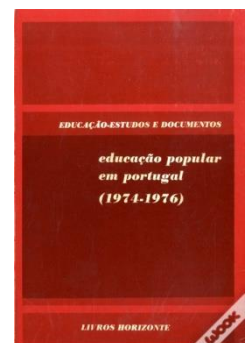


Depois de África, percebemos então que ninguém era obrigado a seguir programas nenhuns porque as pessoas só queriam aprender, saber mais e estavam muito contentes com o processo.

O JMG perguntou então:
O que queriam aprender?
O Álvaro disse que gostava

Esta Experiência foi descrita no Livro de Alberto Melo e Ana Benavente onde contam as experiências de Educação Popular em Portugal: Melo, A & Benavente, A (1978). *Educação Popular em Portugal - 1974-1976* Lisboa: Livros Horizonte.

Também o *Jornal da Educação* publicou um artigo de JMG sobre o mesmo assunto.



de perceber como funcionava uma máquina fotográfica (acabou por se fazer uma com uma caixa de sapatos) mas a Manuela, que pertencia ao comité de empresa de uma fábrica têxtil disse que gostava de saber como funcionava uma



fábrica, tudo para compreender a sua empresa: inglês para ler as revistas da empresa que por lá andavam, o funcionamento das máquinas, a organização do trabalho. Recolhíamos em Portugal panfletos das lutas das operárias têxteis e analisávamos para perceber como deveria ter sido escrito para se entender, estudámos as

doenças de visão. O JMG dizia que a Matemática era o mais difícil de integrar... Estudámos depois a problemática da emigração. Aí todos tivemos de estudar e aqueles que seriam considerados participantes estudaram também.

No final JMG insistiu para que se apresentassem a exame do 6º ano e do 9º ano, no Consulado de Portugal, os que se sentissem capazes. Todos se apresentaram e conseguiram. Procurava-se que tivessem atingido os objetivos previstos nos antigos programas, agora reinterpretados por nós sob a forma do que hoje chamamos competências e interagindo sobre as suas histórias de vida.

Não foi neste sentido que, anos mais tarde, Alberto Melo e a sua equipa desenvolveram em Portugal o programa RVCC (Reconhecimento, Avaliação e Certificação de Competências) a partir das histórias de vida dos participantes, validadas num referencial de competências? Mais importante do que saber de cor os conteúdos dos programas seria adquirir/desenvolver competências que permitissem à pessoa continuar a pesquisar de acordo com as suas necessidades.

Muitas destas atividades de JMG acabaram por ser percussoras de inovações importantes na educação em Portugal, sobretudo no campo da educação de adultos. Carece ser estudado!



Outra ideia importante tem a ver com o seguimento das pessoas que participaram neste coletivo que, infelizmente, não conseguimos fazer. Um amigo disse-me que uma professora que encontrou numa Escola do Barreiro lhe disse que estava ali graças ao JMG e referiu-se a este coletivo dizendo

que a maior parte dos que o frequentaram e voltaram para Portugal acabaram por fazer uma licenciatura. O JMG teria ficado contente se o tivesse podido saber.

José Mariano Gago, 1975, em Pantin, norte de Paris.

Lucília Salgado

Ao sábado íamos todos para a Biblioteca de Malakoff, pesquisávamos, estudávamos. Quase todos nunca tinham entrado numa Biblioteca. Um contava que tinha entrado numa loja daquelas, estava a ler mas não o deixaram, queriam que comprasse o livro. Era uma livraria!

JMG refletia a importância de uma pedagogia que não é fechada dentro das portas de uma sala de aula mas impele à relação e se cria nessa mesma relação com o contexto social, onde cada um achará resposta às suas necessidades, forçosamente diferente das dos parceiros.

O artigo *Emigrar tem uma diagonal: chama-se Educação Permanente* que JMG dedica ao João Portela refere-se à sua vida desde que saiu da sua aldeia



em Galegos de Santa Maria, concelho de Barcelos. O Portela andou a trabalhar de carpinteiro nos Emiratos, correu mundo, sabia muito que nos ensinava amiúde. Mas o que o JMG mas gostou foi de conhecer o ceramista *Mistério*, seu amigo que lhe fez uma peça, sentida, por conhecer o destinatário, amigo do seu amigo João. E não de fazer 400 peças iguais para exportar para a América.



Université Ouvrière de Genève

Em 1977 e 1978, ao ritmo de duas, três vezes por semana, encontrávamo-nos à noite, na Universidade Operária de Genebra, uma velha e modestíssima instituição hoje [naquele tempo]

instalada num andar às Acácias, depois da ponte do Avre. A maioria vinha para aprender Francês, o que não é fácil quando se tem é vontade de ir para a cama e quando nas obras quase só se fala italiano. Mas uns quantos queriam aprender **mais**: aí nasceu, das oito e meia às dez da noite, o que nós combinámos chamar, à falta de melhor, a “Cultura Geral”.

Nós, era quase sempre o Manel e o Zé Maria, o Ricardo, a Glória, a Fernanda, o João, o António, a Delfina, eram todos os outros que vinham de vez em quando, era a Lucília e eu.

José Mariano Gago (1978) *Homens e Ofícios*, Paris: UNESCO

Já na parte final da estadia do JMG em Genève, de entre as várias atividades realizadas conta-se a conceção, produção e realização de um filme em que o grupo contava a sua vida em Genève. Chamava-se *O Senhor é Português?*



Passavam-se fins-de-semana inteiros na UOG. A meio da tarde dava a fome e só havia uma máquina distribuidora de produtos lácteos – suíços, claro! -. Era mesmo a única hipótese. Entre muita refilice... lá tinha de ser. E, a pouco e pouco, foi-se introduzindo o hábito.

Há muita forma de aprender, dizia o JMG...



No princípio não foi fácil. Começou a chegar muita gente a Genève, vinda sobretudo de Martinchel, uma freguesia próxima da Barragem de Castelo do Bode. Vinham para aprender francês mas olhavam-nos com distância. Ingenuamente perguntámos “- O que querem aprender?”, “- Vocês é que sabem, vocês é que são os professores...”. Soubemos mais tarde que detestavam a escola e alguns tudo tinham feito para a abandonar em pequenos.

O ZMG propôs-lhes então ir ver Genève num sábado e fomos ao Museum de História Natural. Fomos seguindo explicando o ZMG o que íamos vendo. Em determinada altura surgem vitrinas com os habitats dos pássaros. Avançámos normalmente e verificámos que ficaram todos para trás, imitando o piar e o cantar dos pássaros, discutindo entre si se eram macho ou fêmea, por que estariam poisados em determinado ramo. Parámos para escutar e fomos fazendo perguntas. Estavam incrédulos por não sabermos... Então nós, professores, não sabíamos uma coisa tão fácil?

E foi assim que uma nova relação se estabeleceu entre nós, ganhando todos com as trocas.

O que fazíamos nas sessões de Cultura Geral da UOG? Diz JMG na Introdução de HOMENS E OFÍCIOS

HOMENS E OFÍCIOS

José Mariano Gago



manual de fichas de exploração temática
para animação cultural
sobre tecnologias e sociedades

Estas "fichas", que o leitor deve imaginar em folhas soltas de fotocópia, foram escritas como ponto de partida para um trabalho coletivo; são, em muitos casos, o resultado de longas discussões onde a experiência de cada um de nós se enriqueceu com a experiência dos outros.

A separação crescente entre trabalho manual e intelectual, funções de execução e de concepção ou controlo, a especialização de cada uma destas funções, conduziram o conhecimento tecnológico e, em geral, todo o conhecimento científico a dispor dum estatuto socialmente isolado, misterioso para a maioria dos trabalhadores. Uma acção de educação permanente inserida em motivações socialmente vivas deve, pois, debruçar-se sobre a realidade tecnológica, arrancando-a à figura imutável e mítica de que correntemente se reveste.

Faça à cultura e ao ensino, a relação professoraluno, em especial em actividades de alfabetização e educação permanente, só ganha um conteúdo de colaboração e camaradagem quando os conhecimentos vividos pelo trabalhador/aluno são valorizados como objecto de cultura. A reflexão sobre as técnicas de trabalho, e em particular as que fazem parte do património cultural do trabalhador manual, é decisiva neste processo em que o animador assumirá frequentemente o papel de «aluno» e em que uma troca viva de experiências será possível.

O esforço e a matéria

Aparelhos de elevar água de rega — a picota
Moinhos e moinhos de maré
Barragens e geradores
Aproveitamento do gás de estroma
Átomos e moléculas
Trabalho e energia

A terra

Gira ou não gira?
O peso que as coisas têm umas das outras
A ciência popular do vedor
Marés
A origem do Sol e dos planetas

Os produtos e os homens

A roupa e a casa
Os trabalhos do Anjo
As paredes da casa
O granito e o barro

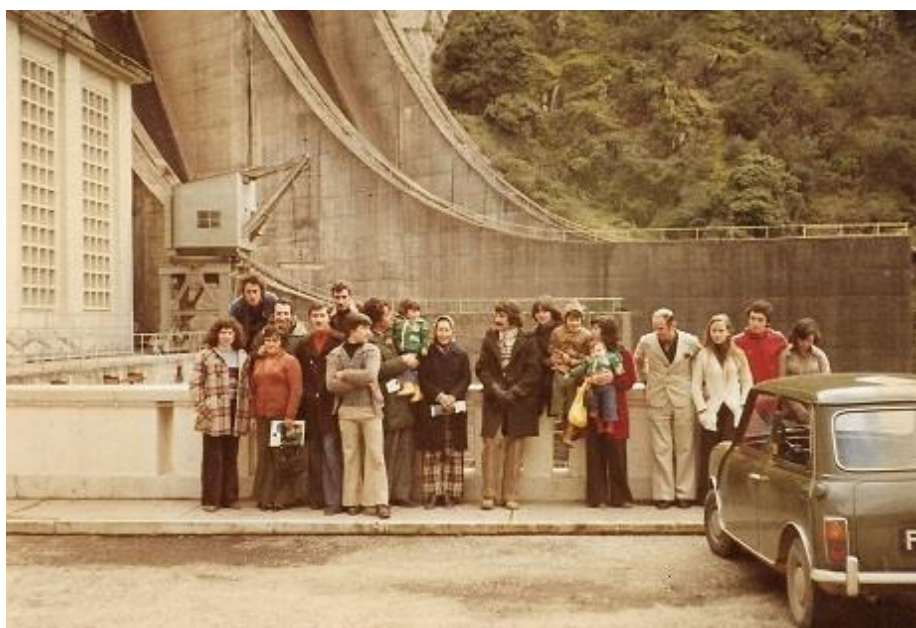


Nas relações sociais, o emigrante só assume, muitas vezes, a sua dignidade de trabalhador multinacional, a par dos trabalhadores do país onde reside, quando se sente simultaneamente solidário dos esforços de transformação empreendidos pelos trabalhadores do seu próprio país. Nesse sentido, é essencial perspetivar as diferenças de nível tecnológico nas condições sociais concretas de cada país e nas transformações em curso.

O mesmo se passa, em grande medida, no interior do país, no que diz respeito às comunidades rurais confrontadas ao desenvolvimento dos meios urbanos.

JMG – Homens e Ofícios

Numas férias de Natal o grupo foi visitar a Barragem de Castelo do Bode. Quase ninguém ainda o tinha feito apesar de viverem mesmo ali ao lado.



Este grupo mantém ainda hoje relações estreitas. O JMG foi durante anos, convidado para todas as festas de casamento e batizado onde ia com a Karin e, por vezes, a filha.



Também neste grupo, no final, JMG insistiu para que se apresentassem a exame do 6º ano, no Consulado de Portugal, os que se sentissem capazes.

Dizia que as competências que eles tinham eram superiores ao que habitualmente se fazia em Portugal. Não queriam. Tinham horror a exames. Um deles, o Ricardo, foi mesmo necessário ir buscá-lo a casa. Foram provas muito interessantes e, numa delas, o conhecimento prático do Manel provou a importância das competências previamente adquiridas! Ficaram todos com o 6º ano de escolaridade!

Também neste caso, as práticas de educação de adultos se revelaram multiplicadoras. Quando surgiu o RVCC, alguns foram fazer a Tomar o de nível do Ensino Secundário. Pensando nos 3 irmãos Inácio, todos os filhos (8) fizeram licenciaturas e, pelo menos 2 deles estarão a terminar o Doutoramento. Uma, em Física das Partículas seguindo as passadas (e as orientações!) do ZMG.



Quando o JMG foi inaugurar o Centro Ciência Viva de Constância, o Manel Inácio quis falar-lhe. Pediu ao segurança que o olhou com estranheza. Quando o ZMG os viu, largou a comitiva e foi dar-lhes um grande abraço!